

# Entrevista

---

## Rui Mourão

Nilze Paganini\*

**Nilze Paganini:** Eu gostaria de começar com um trecho do livro **Curral dos crucificados**, que foi publicado em **Tendência** 3. Esse trecho foi identificado apenas como “Capítulo de livro”.

**Rui Mourão:** Não tinha sido editado ainda.

**NP:** Seria uma forma de mostrar o trabalho em processo?

**RM:** Sem dúvida. Naquela época, solicitavam colaborações.

**NP:** Mas o livro não estava concluído na época (1960)?

**RM:** Não, de maneira nenhuma.

**NP:** Esse capítulo, do qual não sei se o senhor está lembrado, apresenta uma cena num bar. O dono do bar é um estrangeiro. Há uma confusão porque uma moça negra disse ter pago um sanduíche e o dono do bar nega. Os clientes tomam partido dessa moça, começam a chamar o comerciante de ladrão e o obrigam a

entregar o sanduíche para ela. Qual foi o motivo da escolha desse trecho?

**RM:** Olha, é uma pergunta difícil de responder, porque esse já livro já está muito remoto para mim. Eu não me lembro nem dessa cena.

**NP:** E os personagens? Estão muito remotos? A técnica?

**RM:** Não, isso aí eu me lembro, perfeitamente. A técnica principalmente, porque um dos objetivos daquele livro era exatamente fazer uma investigação sobre a técnica romanesca e a maneira mesmo de composição estilística.

**NP:** Uma das discussões que permeava a revista era a questão da importação de técnicas literárias, adaptadas ao nacional. O livro tinha algum objetivo nesse sentido?

**RM:** Olha, o livro está muito ligado à tese de **Tendência** porque é uma demonstração objetiva daquilo que vínhamos pregando. Eu fiz, inclusive, um retrato do país. Nós queríamos fazer uma literatura vinculada à coisa nacional.

---

\* Entrevista realizada em setembro de 2007

Então, eu me esforcei para levantar um retrato do país, numa época em que o Brasil estava mudando a sua estrutura econômico-social. As pessoas vinham do campo e chegavam à cidade, trazendo os problemas do campo para a cidade. Era o problema da época. Naquele momento, o Brasil vivia dramaticamente essa situação.

**NP:** A questão do retirante, do êxodo rural, da chegada de nordestinos era um problema de Belo Horizonte?

**RM:** Era um problema de Belo Horizonte. Aquilo que eu descrevo ali, as pessoas amontoadas como um verdadeiro gado ali, na Estação Central, debaixo do viaduto junto ao Parque, era o normal da cidade. Levas e levaras de nordestinos que passavam por aqui a caminho de São Paulo, ou, então, já no retorno de São Paulo porque eles haviam ido lá com grandes esperanças. Chegavam lá não conseguiam nada de resultado positivo e retornavam. Esse retorno era sempre muito problemático. Acabavam parando por aqui. Havia levaras e levaras de pessoas amontoadas em Belo Horizonte. Impressionante isso.

**NP:** Os personagens que eu, na minha leitura, distingui: o Jonas, aspirante a escritor e funcionário público, um grupo de jornalistas, de escritores, de aspirantes a intelectuais que se reuniam nas

imediações da Rua da Bahia também. Não é isso?

**RM:** (Rindo) É.

**NP:** Os retirantes e uma multidão sempre envolvida com questões de violência, com a polícia e tem um elemento que é muito importante no seu romance que é o Carnaval. Seria isso?

**RM:** Sem dúvida, sem dúvida. Eu quis descrever exatamente aquilo que acontecia nas grandes cidades brasileiras. A multidão. A multidão absorvendo completamente os problemas individuais, pessoais e reduzindo, por exemplo, o Baiano [personagem] a zero. Aquilo não existia. É uma pessoa que desaparece no ar, que ninguém nem consegue realmente identificar quem foi. Não se sabe qual o baiano comprometido com aquilo. Na verdade, ele nem comprometido estava.

**NP:** As personagens femininas do **Curral dos crucificados** são intelectualmente inferiores aos homens e as que se relacionam com Jonas são objetos sexuais. Ele fazia uso delas.

**RM:** Ele era uma pessoa com todos os vícios possíveis de um cidadão de uma determinada classe. Fora da realidade efetiva, verdadeira, que envolvia o problema dos baianos, o problema econômico que o Brasil sofria. Aquilo lá é que era a realidade brasileira realmente importante. Ele era uma pessoa falsa, uma pessoa superficial, uma pessoa sem

consistência maior.

**NP:** O senhor diria que esse romance é um romance de geração? Ele poderia ser classificado assim, na seqüência de outros que foram escritos e situados em Belo Horizonte?

**RM:** Não. Há de tudo ali e já classificaram o romance como romance de geração, característico de Belo Horizonte de uma determinada fase e de um meio intelectual que havia aqui. Mas não sei se essa interpretação seria verdadeira. Eu acho que o problema principal é aquele que lhe falei: da translação de um contingente poderoso de nordestinos que viviam acoçados pela seca, pelas dificuldades econômicas, que procuravam as regiões mais ricas para ver se realizavam e acabavam num fracasso geral.

**NP:** Completamente desamparados pelo poder público.

**RM:** Era a imagem do Brasil. O Brasil daquela época era isso. Nós evoluímos demais. O Brasil vem evoluindo desde 30, mas, naquela época, ainda era um país com problemas muito graves que, felizmente, hoje, nós já os temos superados. Nós temos muitos problemas e vamos continuar a ter problemas porque isso é a realidade, mas nós passamos para outra fase completamente diferente.

**NP:** O senhor teve a intenção de dialogar

com essa tradição dos intelectuais da Rua da Bahia desde a década de 1920 ou não pensou nisso?

**RM:** Não, não. De uma maneira geral, aqueles intelectuais que aparecem ali são intelectuais ligados a mim. Da minha geração.

**NP:** Mas o romance traz indícios da vida intelectual da qual o senhor participava na época?

**RM:** Havia, sim. Sem dúvida nenhuma.

**NP:** Continuava a circular nas imediações da Rua da Bahia.

**RM:** (Rindo) É.

**NP:** O próprio romance alude a técnicas literárias como o monólogo interior, menciona Dostoiévski e há uma descentralização da narrativa, com a introdução de várias vozes.

**RM:** Eu acho o seguinte: para fazer um romance, uma narrativa de coletividade, a descentralização narrativa é fundamental. Eu parti para isso desde o início. A primeira tentativa ficcional [**As raízes**], não. Mas, depois, no **Curral dos crucificados**, eu parto para isso. Eu acho que essa estrutura descentralizada, uma estrutura que, no fundo, vem até do Joyce e, depois, do Faulkner. Essa narrativa é muito mais expressiva da contemporaneidade do que uma narrativa individual, limitada, em primeira pessoa.

Naquela época, nós estávamos muito sob o impacto do **Grande sertão: veredas**. Até hoje, eu acho. **Grande sertão** tem um defeito para mim. Ele é uma narrativa muito apoiada no contar casos. A coisa é de uma estrutura muito antiga, envelhecida, mas o Guimarães faz isso. Ele acha que isso está vinculado à realidade brasileira que ele está focalizando, que é a do campo. O contador de caso. A mim, isso não interessa. Eu sempre me preocupei mais com a estrutura do mundo moderno, descentralizado, multifacetado, multissignificativo.

**NP:** O senhor estudou o romance norte-americano da primeira metade do século 20?

**RM:** Eu li bastante o romance americano. Tem um ensaio de Claude-Edmonde Magny sobre a idade do romance americano, **L'âge du roman américain**. Um livro que eu li muito, que trata do Faulkner, do John Dos Passos...

**NP:** Hemingway?

**RM:** Hemingway, sem dúvida. Mas os escritores que mais me interessaram e que mais me marcaram foram o Hemingway e o Faulkner. O Faulkner pela estrutura da narrativa e o Hemingway pela objetividade da narrativa.

**NP:** Comparando a poesia de Affonso Ávila e a sua escrita nessa época, podemos notar que Affonso Ávila deu

ênfase para o substantivo, um substantivo colocado ao lado de outro. Em **Curral dos crucificados**, o senhor usa muito os adjetivos se sucedendo, sem vírgulas, sem pontuação. Haveria uma intenção de mostrar o monólogo interior, o fluxo de pensamento?

**RM:** Olha, no **Curral**, eu quis fazer uma narrativa a mais objetiva possível. Quem me influenciou mais sobre isso foi o Hemingway. O Hemingway faz uma narrativa absolutamente isenta da subjetividade. Absolutamente é impossível, mas o mais isenta possível da subjetividade. No **Curral**, eu achei que podia ir além daquilo, eliminando a história, a história criada por antecipação, a priori. A história, no meu entender, deveria nascer do fazer, da coisa, da montagem como se fosse o cinema. Então, eu comecei a fazer quadros, bem concretos, de cenas do que eu queria narrar e, depois, esses quadros se somavam como uma montagem cinematográfica para o todo da narrativa. Depois, eu comecei a trabalhar dentro desses próprios quadros, achando que a linguagem também era um entrave. A língua era um entrave porque a língua tem uma estrutura prévia e aquilo é uma lógica. Eu queria eliminar aquela lógica para fazer uma captação direta da realidade. Fazer uma captação sem o entrave da estrutura da frase. Da frase codificada, institucionalizada como

lei. Então, eu tentei romper aquilo. O amontoado de adjetivos, de gerúndios – gerúndio para captar o movimento e o adjetivo para captar as situações mais livres e mais verdadeiras possíveis daquilo que estava sentindo. É nesse sentido aquela experiência.

**NP:** Continuando o raciocínio que o senhor está desenvolvendo, também não há um final tradicional com algum tipo de resolução. O romance não se propõe a apontar nenhuma direção no final.

**RM:** Não. Eu, nessa época, estava muito preocupado com a história. Eu escrevi muito sobre isso na **Tendência**. Aqueles ensaios que eu fiz, exatamente para ver se eliminava a história, que é uma racionalização sobre a realidade. Eu queria estabelecer um contato direto com a realidade.

**NP:** O senhor escreveu sobre os elementos do romance, o espaço, o tempo...

**RM:** É, mas é isso, estava tentando uma forma de buscar uma narrativa que eliminava a história, a história como uma coisa antecipada. A história tinha que nascer da realidade, então eu me debrucei sobre a realidade nacional, aquele panorama geral sobre o qual ia escrever e, depois, montei uma história ali dentro. Através de montagem. Como se faz no cinema, sem roteiro prévio.

**NP:** Então o senhor partiu da observação da situação social e, enquanto escrevia, a narrativa ia sendo construída sem prévio roteiro.

**RM:** É. Um roteiro muito diluído, uma idéia muito vaga do que eu queria. Na pesquisa da realidade é que aquilo teria consistência ou não e se modificaria ou não.

**NP:** Transpondo nossa conversa para **Tendência**, o senhor acredita ou acreditava na possibilidade de forma nacional, de achar uma forma nacional?

**RM:** Não, a forma nacional é aquilo que os escritores escrevem. Agora, eu acredito é que a gente tinha que estar atenta para os valores da cultura nacional. Para não ficar fazendo apenas uma coisa de reflexo da coisa exterior. Nós tínhamos que nos apegar à nossa tradição, à forma de vida que foi nascendo, crescendo e se firmando no Brasil para contrapor isso ao que vinha de fora. Nós não queríamos fazer nada novo. Absolutamente novo. Inventar uma nova realidade. Nada disso. Isso é um passo, que eu acho, que **Tendência** deu adiante, porque, no Brasil, se fez muito regionalismo, acreditando-se que podia-se fazer uma coisa absolutamente autônoma e independente. Nós, não. Nós acreditávamos na modernidade e queríamos fazer uma coisa nacional a partir do conhecimento da modernidade

do mundo. Era uma coisa dialética entre a realidade externa, entre a literatura que se fazia no exterior e aquilo que nós queríamos fazer aqui. Então, era uma coisa permanentemente dialética, desenvolvendo-se dentro de uma linha dialética.

**NP:** Isso me lembra muito a proposta dos modernistas da Semana de 1922 e, depois, os pensadores da época do ISEB, do nacionalismo, por exemplo, Guerreiro Ramos que pregava a redução.

**RM:** Nós tivemos até um encontro com Guerreiro Ramos.

**NP:** Isso eu não sabia.

**RM:** Nós tivemos um encontro com Guerreiro Ramos aqui, em Belo Horizonte. Foi interessante. A redução sociológica é uma coisa semelhante, paralela à do Oswald.

**NP:** Da antropofagia.

**RM:** Da antropofagia. É a mesma coisa.

**NP:** Em que ano se deu esse encontro? O senhor se lembra?

**RM:** Não, mas na fase de **Tendência**. Foi antes até, parece, da publicação do último número de **Tendência**.

**NP:** O último número foi em 1962, quando saiu o texto do Haroldo de Campos em que ele fala especificamente

disso...

**RM:** Antes daquilo. O Guerreiro Ramos era sociólogo. Ele não tinha muita noção dessa questão técnica. Ele achava que nós devíamos fazer a coisa brasileira só e esquecer completamente o que estava lá fora.

**NP:** Ao mesmo tempo, ele falava que a ciência era universal e poderia ser apropriada. Essa idéia da apropriação...

**RM:** Pois é, mas a pessoa raciocina dentro do campo de conhecimento dela e desconhece os problemas da outra área. Eu me lembro das palavras dele: “Vocês têm que escrever mesmo a coisa brasileira, a realidade brasileira e deixar para lá”. Mas não é. Nós temos que estar conscientes e acompanhando o movimento universal da evolução daquele campo do conhecimento, porque é dentro dele que a gente tem que produzir coisa válida. Nós não queríamos ser ingênuos. Ingenuamente brasileiros.

**NP:** Uma coisa que está bastante clara é que vocês eram contra o regionalismo e sempre reforçavam a idéia de que não queriam estar fechados em um dogmatismo que impossibilitasse vocês de verem, exatamente, o que estava sendo produzido mundialmente.

**RM:** Exatamente, exatamente.

**NP:** Nos textos que o senhor escreveu,

o senhor não citou diretamente nenhum isebiano, mas o senhor diria que a influência do ISEB se fazia presente em **Tendência**?

**RM:** Era presente em **Tendência** todo o movimento cultural daquele período.

**NP:** O ISEB era importante?

**RM:** Ah, eu acreditava nas pesquisas do ISEB, eu o achava muito importante, sem dúvida. Agora, naquela época, havia a luta pelo petróleo, a construção de Brasília, havia Juscelino rasgando estradas para todo lado, criando a indústria automobilística. Isso era base fundamental, econômica e social sob a qual reagíamos. O nacionalismo, naquela época, era geral, generalizado no Brasil. Toda a juventude era nacionalista e lutava pelo nacionalismo. O ISEB era uma das expressões que surgiu dentro da ciência social brasileira que refletia essa situação, como a universidade se encaminhou para isso. A universidade foi ficando cada vez mais nacionalista. A experiência da Universidade de Brasília, por exemplo, é uma experiência nacionalista de universidade.

**NP:** Da qual o senhor participou.

**RM:** Participei. E havia aquela universidade no Rio de Janeiro, criada pelo Anísio Teixeira, tinha sido anterior à Universidade de Brasília.

**NP:** O senhor lecionou qual disciplina em Brasília?

**RM:** Literatura.

**NP:** Brasileira?

**RM:** Literatura brasileira.

**NP:** Nos Estados Unidos também?\*

**RM:** Literatura brasileira e cultura brasileira.

**NP:** O senhor mencionou o Juscelino Kubitschek. O senhor poderia falar um pouquinho como foi o período em que colaborou com o governo dele aqui em Minas?

**RM:** Eu era estudante quando fui convocado para trabalhar lá no Palácio. O Cristiano Martins, o escritor, era o secretário particular do Juscelino e nos convocou, o Affonso Ávila, o Fábio e eu. Fomos trabalhar lá. Nós trabalhávamos principalmente na redação.

**NP:** Dos discursos?

**RM:** Redação de tudo. Eu cheguei a fazer discurso para o Juscelino. Muito pouco, mas nós fazíamos textos, mensagens para o legislativo. Todo tipo de texto. Depois, o Cristiano foi para o Rio e nós ficamos aqui. Eu, o Affonso e o Fábio ficamos e trabalhamos com o Bias Fortes. Com o Bias Fortes, nós já estávamos mais

---

\* Rui Mourão morou nos Estados Unidos de 1966 a 1968, onde foi professor de literatura e cultura brasileiras nas universidades de Tulane, New Orleans, de Houston e Stanford University.

maduros, fomos substituindo, mais ou menos, aquilo que o Cristiano fazia. Nós fomos secretários do secretário particular, que era o filho do Bias Fortes, o José Francisco. José Francisco era, mais ou menos, a pessoa que dominava o governo todo porque o pai dele já estava velho e ele ajudava muito o pai. Ele era uma pessoa muito capaz, tinha uma cabeça administrativa e política muito boa. Nós éramos a retaguarda ali. Nós fomos tendo uma posição cada vez mais preponderante ali dentro. Na época do Juscelino, eu ainda era estudante de direito.

**NP:** Quando o Juscelino foi para o Rio, ele levou para lá alguns intelectuais.

**RM:** Nós não chegamos a ir, não. Não fomos, não.

**NP:** Vocês eram muito novos?

**RM:** Nós éramos novos e o Juscelino, quando era governador de Minas, ele foi se ligando a umas pessoas do Rio que, depois, ele aproveitou lá. O Juscelino tinha muita noção do ambiente que o cercava. Quando era prefeito, se ligou a um determinado tipo de gente. Depois, quando foi governador, ele passou para um outro nível. Depois, foi para o Rio. É claro que ele ia procurar se envolver mais profundamente com o ambiente cultural e social do Rio de Janeiro. No governo dele, fez-se uma homenagem

a Alphonsus de Guimaraens. Foi uma homenagem sugerida, solicitada, pleiteada pelo filho do Alphonsus, que é o Alphonsus Filho. O Juscelino ficou vivamente impressionado pelo Schmidt [Augusto Frederico]. Esse, sim, estava presente na solenidade de inauguração do túmulo do Alphonsus em Mariana. O Juscelino levou um discurso escrito para a solenidade, mas, quando ele chegou lá, ele ficou tão surpreendido com a grandeza que o Schmidt demonstrou num discurso que ele fez – aquele discurso palavroso, como o Juscelino gostava, cheio de floreios e vivamente pronunciado pelo Schmidt – que ele deixou no bolso o discurso escrito e falou de improviso, com uma emoção louca. Fez um belo discurso.

**NP:** O Juscelino era um bom orador?

**RM:** Era um bom orador, um bom orador com os vícios de muitos floreios. Ele era muito preso a uma literatura já decadente. Fez um grande discurso e, nunca mais, se desligou do Schmidt a partir dali. O Schmidt passou a fazer os grandes discursos da campanha dele. O Schmidt foi o criador da OPA (Organização Pan-Americana). De comércio.

**NP:** O sonho do pan latino-americanismo?

**RM:** É, é isso. Ele dirigiu isso. Foi uma coisa que teve uma certa relevância na época. O Schmidt era um homem muito



inteligente e foi um dos elementos mais bem utilizados pelo Juscelino nesse período. Depois, o Álvaro Lins chegou a fazer discursos para ele...

**NP:** E o Autran Dourado?

**RM:** Não, o Autran, não. Jamais. O Autran trabalhava conosco também aqui, sabe? O Autran era um taquígrafo e o Juscelino o usava para taquigrafar nas audiências coletivas. E o Autran funcionava como revisor na redação.

**NP:** Ele não era mentor intelectual de discursos.

**RM:** Não, não. De jeito nenhum. Quem fazia os discursos aqui, em Minas, era o Cristiano Martins, o Alphonsus e outras pessoas aqui na cidade.

**NP:** O Alphonsus...

**RM:** O Alphonsus Filho.

**NP:** Ele trabalhou para o governo Juscelino?

**RM:** Trabalhou, trabalhou. E outros intelectuais. O Cid Rebelo Horta... Tinha mais gente que não trabalhava no Palácio, mas a quem eram encomendados os discursos. Depois, o Autran Dourado foi para o Rio e foi dirigir, lá, o setor de imprensa. O Autran não é uma pessoa de redação rápida, como o Murilo Rubião, por exemplo. É de uma escrita muito trabalhada, então, ele não se dava bem com esse tipo de coisa, não.

**NP:** Um tipo de produção que tinha que ser mais ágil.

**RM:** O Autran se preservava demais para a obra pessoal dele.

**NP:** Parece que havia até um certo atrito entre ele e o Schmidt. Temperamentos bastante diferentes.

**RM:** Bom, isso é ele que ele fala naquele livro, mas aquele livro é muito falso.

**NP:** O *Gaiola aberta*?

**RM:** Aquilo é de uma falsidade! Aquilo não tem nenhuma consistência como retrato de época, de ambiente. Ele trabalhava com o Schmidt. O Schmidt ajudou até a pleitear, junto ao Juscelino, um cartório para ele. Mas ele ajudava o Schmidt porque o Schmidt era muito improvisador. Ele gostava mais de falar do que de escrever, então ele já ditava as coisas e o Autran taquigrafava aquilo. Ele era um secretário do Schmidt. Ele era secretário de imprensa.

**NP:** Mas ele era jornalista profissional?

**RM:** Não, aí tinha todos esses problemas, porque ele não era realmente ligado à imprensa. Não tinha vínculos profundos com a imprensa brasileira. Ele não foi jornalista aqui também, não.

**NP:** Como o senhor compararia os períodos de colaboração com o governo

Juscelino e com o governo Bias Fortes? Seriam dois governos diferentes?

**RM:** Completamente diferentes. O Juscelino era um homem arrojado, pessoa que tinha noção da coisa do momento e do futuro. O Bias Fortes era um político mais tradicional, de mentalidade ainda presa à estrutura agrária.

**NP:** Na revista **Vocação**, que antecedeu **Tendência**, vocês veiculavam comerciais, publicidade. **Tendência** não tinha nenhuma, a não ser...

**RM:** O problema era esse: na época de **Vocação**, nós não éramos ninguém. Nós estávamos querendo ser. Nós tínhamos que fazer uma coisa levantando recursos para poder imprimir aquilo. Agora, na **Tendência**, a coisa já era diferente. Nós tínhamos mais força, fazíamos com facilidade as edições.

**NP:** Os artigos publicados em **Tendência** eram enormes. Vocês não tinham esse tipo de preocupação...

**RM:** Não tínhamos, não. Nossa preocupação era só de pesquisar aquilo que nos movia, aqueles ideais literários e nós nem publicamos um número seguido do outro. Nós tínhamos decidido o seguinte: “Nós só vamos aparecer com um número novo, quando nós tivermos coisa nova para dizer”.

**NP:** Mas como que...

**RM:** Nós víamos a revista como a uma evolução.

**NP:** Por que **Tendência** acabou?

**RM:** Ela acabou porque nós saímos dela já para produzir literatura que era resultado daquilo. Nós passamos para a edição de livros.

**NP:** Passaram para a carreira solo?

**RM:** A revista já tinha cumprido a sua finalidade. Além disso, a turma também foi se dispersando. Eu fui para Brasília. Depois, fui para o exterior. Eu fui para Brasília quando acabou o governo do Bias Fortes e fiquei, aqui, dirigindo um curso de administração do estado, de formação e aperfeiçoamento dos funcionários, mas fiquei lá poucos meses e fui convocado para Brasília.

**NP:** A convite de alguém?

**RM:** O Darcy Ribeiro é que cordenava aquilo tudo. A coisa girava, mais ou menos, em torno do Darcy.

**NP:** Então o encerramento de **Tendência** não teve uma relação direta, imediata, com o Golpe Militar de 1964.

**RM:** Não, foi anterior.

**NP:** Sim, mas como a revista não tinha uma periodicidade definida, o último número foi em 1962, poderia ter prosseguido.

**RM:** Mas ela já tinha cumprido a sua missão e, depois, nós nos dispersamos.

**NP:** Havia a revista **Tendência** e a editora Tendência, não é isso?

**RM:** Não. Havia a revista e nós apenas publicamos os primeiros livros com o rótulo de Tendência. Não havia uma editora.

**NP:** Era um nome apenas.

**RM:** Para dar um título e, depois, para mostrar o vínculo.

**NP:** Seria mais uma edição do autor?

**RM:** Uma edição do autor, sem dúvida. O **Currall**, por exemplo, ficou muito prejudicado por causa disso. Por falta de distribuição. Sabe esse livro sobre o Graciliano?\*\*\* Eu vendi a edição inteirinha porque ele era muito solicitado pelas universidades. Todo o sistema educacional brasileiro solicitava o livro.

Havia um vendedor aqui, na universidade [UFMG], quase toda semana, ou de 15 em 15 dias, ele passava lá em casa para pegar um volume grande de livros e vendia tudo. No Rio, havia uma livraria, ligada à universidade, também comprava sistematicamente. O livro foi reeditado, depois, por uma pessoa do Rio de Janeiro, que arranhou com o Ministério da Educação, fazer uma segunda edição.

Ele fez uma edição grande. Esse homem

\*\*\* **Estruturas:** ensaio sobre o romance de Graciliano

tinha uma editora, no Rio, muito precária, pequena e ela acabou quebrada. Ele teve uma tuberculose. Ele me falou o seguinte: “Olha, eu estou em falta com você. Eu vou fazer o seguinte: vou lhe pagar em exemplares.” E ele me deu quase todos os exemplares e eu continuei a vender daquele jeito. (Risos).

**NP:** Recapitulando o que foi dito pelo senhor, vocês não precisavam vender espaço publicitário em **Tendência**...

**RM:** É.

**NP:** Ela era vendida em livrarias?

**RM:** Era. Ela era colocada em consignação em livrarias e distribuída muito para a intelectualidade de uma maneira geral. Até fora do país. Não sei se você chegou a ver uma revista que saiu, **Revista de cultura brasileira**, um número exclusivo sobre **Tendência**.

**NP:** Essa revista foi publicada na Espanha pela embaixada brasileira?

**RM:** Embaixada brasileira, Ángel Crespo e Pilar Gómez Bedate. Ele fez, também, sobre o Concretismo. Ele fez sobre a vanguarda brasileira. Um número, parece, sobre aquele movimento do Chamie...

**NP:** Práxis?

**RM:** Práxis e um número sobre **Tendência**.

**NP:** Já que o senhor mencionou Mário Chamie, houve uma certa polêmica entre

**Tendência** e o Chamie.

**RM:** Houve uma discussão geral dentro dessa área de vanguarda. A discussão principal, no meu entender, foi com os concretistas. Com o Haroldo, com o Décio que estão lá dentro do número quatro da **Tendência**.\*\*\* Agora, o Chamie, foi uma divergência muito circunstancial.

**NP:** Mas não houve uma polêmica que extrapolou para os grandes jornais?

**RM:** Não me lembro direito. Nós não considerávamos muito bem o Chamie. Nós achávamos que o Chamie era muito picareta. (Risos). Era uma pessoa com a qual nós não tínhamos grande interesse em relacionar.

**NP:** Ele foi acusado, dentro de **Tendência**, de pegar carona nas discussões.

**RM:** (Risos). É isso mesmo.

**NP:** **Tendência** abriu muito espaço para os colaboradores. O senhor acha que esse espaço era importante? Por exemplo, o Affonso Romano foi publicado e ele não era tão conhecido na época.

**RM:** Não, não era.

**NP:** Uma figura que chama muita atenção no primeiro número é o Fritz Teixeira de Salles, não é?

**RM:** É. O Fritz era um grande intelectual, mas vivia sempre com grandes dificuldades financeiras. Ele poderia ter se realizado, eu acho, muito melhor do que se realizou se ele tivesse condições melhores de vida.

**NP:** Ele chegou a trabalhar na Universidade de Brasília.

**RM:** Chegou a trabalhar em Brasília. Aquilo foi um período de bonança na vida dele, viu?

**NP:** Ah, sim?

**RM:** Eu acho. O Fritz, até, estudou muito lá em Brasília. Ele se aproximou muito do Oswaldino Marques que o ajudou muito com bibliografia e modernizou, consideravelmente, a consciência literária dele. O Fritz era uma pessoa extremamente inteligente. Nós estamos publicando agora, fazendo uma republicação, do livro dele sobre as irmandades religiosas. O Museu da Inconfidência vai publicar com a Perspectiva. O Fritz também era muito dispersivo. Ele mexia com tudo. Mexia com o patrimônio, mexia com história, com literatura, com cinema.

**NP:** Poesia.

**RM:** Poesia. Ele foi uma pessoa, um

---

\*\*\* Décio Pignatari não foi publicado em **Tendência**. Do grupo paulista de poesia concreta, foram publicados, em **Tendência** 4, textos de Haroldo de Campos e de José Lino Grünwald.

tipo Mário de Andrade. Uma pessoa de múltiplos interesses.

**NP:** O nome Fritz é de descendência estrangeira?

**RM:** Não, ele era Frederico. Frederico Teixeira de Salles. Acontece que um médico, que atendeu a mãe dele quando ele nasceu, parece que falou: “É o Fritz. Ele vai ser o Fritz.” Esse apelido pegou e nunca mais ele ficou sem ele. Ele tinha interesse nisso, tanto que ele o adotou, em definitivo, como nome dele. Há um fato curioso. O Fritz foi submetido a um processo aqui, devido à agitação política, e o Pedro Aleixo o defendeu. E aconteceu o seguinte: o Pedro deixou correr o processo. Quando houve a audiência, ele alegou que o processo estava condenando uma pessoa errada. Ele provou que não existia Fritz. O nome era Frederico Teixeira de Salles. Anulou completamente o processo. (Risos). Falsidade ideológica. (Risos).

**NP:** Três coisas me chamam especialmente a atenção em **Tendência**: a questão do nacionalismo, a questão da tradição e a questão das vanguardas. No meu entendimento, as três estão muito ligadas. São temáticas tratadas por todos.

**RM:** Nós tentamos fazer um movimento de vanguarda a partir daquelas coisas todas. Mas a vanguarda, nós nunca tínhamos colocado isso como uma

preocupação. Nós queríamos realizar uma obra vinculada à coisa do país. Mas fazer uma obra que fosse moderna. É por aí que nós acabamos chegando na vanguarda. E essa questão de nome de vanguarda só surgiu realmente depois que a gente começou a dialogar com os que se admitiam como de vanguarda.

**NP:** Então, vocês não tinham preocupação com esse nome?

**RM:** Não, absolutamente não.

**NP:** Mas a preocupação de se ligarem à tradição do moderno?

**RM:** Sim, nós chegamos a isso.

**NP:** Há uma tese, defendida por vários estudiosos, de que não haveria um interesse dos intelectuais mineiros – e isso seria uma tradição mineira – de romper com o passado. Ao contrário, de valorizar uma certa tradição.

**RM:** É, isso aí é muito típico dos mineiros, né?

**NP:** O senhor acha que isso é típico dos mineiros?

**RM:** Eu acho, quer dizer, da cultura mineira. Veja o que aconteceu com o Modernismo brasileiro. O Modernismo brasileiro, naquela fase de destruição, ele é principalmente paulista. Na fase da construção, ele vai ser principalmente mineiro. Foram os mineiros que

começaram a desenvolver uma tendência completamente divorciada daquele experimentalismo excessivo, que eles julgavam excessivo, dos paulistas. Eles se apegam mais à coisa tradicional, à evolução mais lógica, mais tradicional, mais consistente e vai surgir Carlos Drummond e esse pessoal todo. Havia também uma tendência do Nordeste. O romance nordestino. Eles nem se julgavam vinculados ao Modernismo. Eles achavam que faziam uma coisa completamente diferente, mas, na verdade, não era, porque a linguagem mais coloquial, mais livre, isso foi uma conquista dos modernistas. Eles aproveitaram aquilo noutra estágio e fizeram, inclusive, uma linguagem muito improvisada, muito informe, pouco consistente. Aqui em Minas, exatamente por causa dessa tendência da coisa mais elaborada, aproveitando tudo que vem sendo elaborado através da tradição, nós já fizemos uma coisa muito mais de eficiência lingüística. Na época do Modernismo de 30, da segunda fase, Carlos Drummond, Cyro dos Anjos... Essa gente toda...

**NP:** Dois nomes, parte da tradição literária mineira, são citados em

**Tendência:** Alphonsus de Guimaraens e Bernardo Guimarães. O senhor acha que seria uma tradição buscada por **Tendência?**

**RM:** Não, não. Alphonsus de Guimaraens foi o grande poeta do Simbolismo.

**NP:** Ele foi reverenciado por Mário de Andrade, pelo grupo de Drummond...

**RM:** Ele era o grande poeta daquele período. Ele era mais valorizado por nós como um realizador de porte, de elevado porte.

**NP:** E o Bernardo Guimarães?

**RM:** Não, o Bernardo, não.

**NP:** Nessa tradição, vocês valorizaram bastante o Barroco mineiro.

**RM:** Affonso, principalmente.

**NP:** O Affonso, principalmente, mas, de certa forma...

**RM:** Depois, todo mundo. É, nós valorizamos, sim. Sem dúvida. Eu comecei a trabalhar nessa área e a minha ida para Ouro Preto, por exemplo, eu acho que foi fundamental para mim. Eu mudei, inclusive, a minha linguagem literária.

**NP:** Ouro Preto teve essa influência?

**RM:** Teve, sem dúvida. Eu não teria escrito **Boca de Chafariz** e esses livros mais recentes\*\*\*\* se não tivesse ido para Ouro Preto. Isso foi fundamental.

**NP:** Essa trajetória do grupo Tendência

---

\*\*\*\* Rui Mourão revelou que estava pronto, para ser editado, o seu novo livro **O diabo desce dos morros**.

e do Fritz Teixeira de Salles de trabalhar com o patrimônio tem pontos em comum com os modernistas, tanto os mineiros de Belo Horizonte, do grupo de Drummond, como Mário de Andrade.

**RM:** Exatamente e há uma preocupação dos mineiros de se ligar a uma tradição cultural. Uma das razões pela qual eu deixei os Estados Unidos e vim embora foi essa. Eu achava impossível uma pessoa criar uma arte em outro país, sem estar mais ou menos próxima da realidade própria dela. Da realidade nacional do escritor. Eu vim para o Brasil em busca das raízes brasileiras e fui encontrar as raízes profundas em Ouro Preto.

**NP:** Havia alguma ligação dos membros de **Tendência** com a Universidade de Minas Gerais, que passou a ser UFMG depois, pelo fato do Fábio Lucas ter sido assessor do reitor?

**RM:** Não, não havia. Eu estudei lá, o Fábio estudou lá, o Affonso depois arranhou uma certa ligação com o reitor da época. Que era quem? O Orlando de Carvalho\*\*\*\*.

**NP:** O senhor é otimista?

**RM:** Os meus companheiros de **Tendência** achavam que eu era um grande otimista. (Risos). Eu sou realmente otimista. Eu acredito no futuro

do Brasil. Eu acredito que o país vai se realizar cada vez mais efetivamente. Vai ser uma das grandes nações do mundo. Isso aí é inegável. Isso é uma coisa que ninguém contesta. E o Brasil vai aos poucos conquistando essa posição. Ele vai tendo cada vez mais relevância. Hoje ele tem relevância no plano internacional. Já tem. As pessoas aqui ficam muito preocupadas em fazer uma comparação entre Estados Unidos e Brasil. O grande modelo para muitos brasileiros – meu, não é – são os Estados Unidos. Como foi a origem dos Estados Unidos? Os Estados Unidos foi um país que nasceu de uma divergência religiosa acontecida na Inglaterra e parte da Inglaterra se moveu para cá. Ela veio em peso para cá, como um grupo já estruturado, de certo nível. Foi uma expansão. A Inglaterra botou um pé na América e começou a trabalhar, como se estivesse lá dentro. No Brasil, foi completamente diferente. Os portugueses vieram aqui não para colonizar. Eles foram os descobridores, apenas, do Brasil e mandaram para cá as pessoas as mais desqualificadas, criminosos, etc. Essa gente não tinha nenhum projeto de colonização. Eles só queriam se apropriar das riquezas existentes aqui e levar para Portugal. Tentar descobrir ouro, pedras preciosas para enriquecer o rei D. João V, que era um grande imitador do Luís IV, da França. Os portugueses chegaram aqui e não

---

\*\*\*\* A Universidade de Minas Gerais patrocinou a Semana Nacional de Poesia de Vanguarda, ocorrida em 1963, no prédio da Reitoria. Affonso Ávila foi um dos organizadores do evento.

tinham nenhum projeto. Eles se ligaram aos pretos, aos índios. Aproveitaram essa gente para obter resultados cada vez mais efetivos aqui. Eles, na verdade, criaram um sistema novo, um projeto novo de nação. Uma coisa completamente diferente. Portugal só vai se deslocar para cá com a chegada de D. João VI e vai ser por um período curto. Na chegada de D. João VI, chegou Portugal aqui, chegou criando a Biblioteca Nacional, criando o Arquivo Histórico Nacional, criando o Museu Histórico Nacional e uma série de coisas, mas depois ele vai embora rápido. Esse projeto de Brasil era novo, de gestação muito lenta, uma gestação que vem se fazendo até hoje, enquanto que, nos Estados Unidos, não. Foi uma transplantação de uma sociedade para cá e ela continuou a se desenvolver aqui e teve muito mais rapidez em sua consolidação aqui. O Brasil é um projeto em curso e ele vai se fazer cada vez mais efetivamente e nós vamos poder trazer uma coisa diferente. Nós estamos trazendo uma coisa absolutamente diferente do mundo. Um tipo de democracia muito mais avançada, de relação com as diversas raças e etc. É uma coisa que vai, para o futuro, ter grandes conseqüências e influência.

**NP:** O senhor continua, então, muito otimista?

**RM:** Continuo otimista.

**NP:** Nós vamos estar vivos para ver isso?

**RM:** Nós estamos vivendo uma fase já muito boa de país. Eu acho. De 1930 a 80, foi o país que mais cresceu no mundo. Isso nem todo mundo sabe, mas os índices de crescimento do Brasil, nesse período, foram semelhantes a um crescimento de China, hoje. O Brasil era uma África em 1930. Aquilo era uma coisa... Não havia estradas, não havia escolas, não havia indústrias. Nós vivíamos só de exportação de café e de importação de tudo. Uma colônia que continuava colônia. Isso é que a verdade. Um país atrasado, muito atrasado. Incrivelmente atrasado. Na época de meu pai, era isso o Brasil. Meu pai, um homem que tinha grande vocação para o estudo, deixou de estudar porque, para ir de Bambuí a Ouro Preto – em Ouro Preto é que tinha escola – era uma coisa. Vinha por estrada de ferro, uma dificuldade muito grande para chegar. Estrada de rodagem nem existia. Era uma África. Nós crescemos até 80. Criamos um Brasil bastante moderno. A Revolução tentou repetir o governo JK, sem grande sucesso, mas com alguns resultados.

**NP:** Parece que continuam querendo imitá-lo.

**RM:** Ele virou um mito. O Getúlio e o Juscelino, para mim, foram os maiores presidentes que nós já tivemos. O



Getúlio começou a industrialização, o desenvolvimento nacional e isso prosseguiu na mão do Juscelino. Nós crescemos muito, mas depois houve essa crise do petróleo, no governo Geisel, o Brasil entrou num processo de estacionamento. Parou. Está voltando a se recuperar. Eu acredito que esse negócio vai deslanchar. Nós estamos nos tornando um país cada vez mais importante, regionalmente e com voz, já, no panorama internacional. Eu acredito, por exemplo, que essa questão dos combustíveis – bioenergia – que atualmente se discute, eu acho que, por aí, o Brasil pode ter um desenvolvimento muito grande e pode aparecer como uma das soluções.

**NP:** O senhor acha que o progresso econômico seria um motivador de avanços na área cultural?

**RM:** Sem dúvida. Eu acho que o país vai crescendo como um todo. Uma coisa fermenta a outra. O Brasil não vai ter um grande desenvolvimento em nível mundial, se ele não resolver o problema educacional e cultural. Isso tem que ser feito tudo em conjunto. Na medida em que surgem possibilidades econômicas, vão surgir possibilidades de educação e cultura mais efetivas.

**NP:** O senhor acha que a literatura anda bem atualmente?

**RM:** É difícil de avaliar, mas há obras

importantes que vão sendo feitas. O pessoal mais antigo está escrevendo com mais maturidade. A renovação, a gente não vê uma perspectiva muito favorável para a análise dessa gente nova que está aparecendo. É preciso de tempo para a gente avaliar o que está sendo feito no momento. Essa que é a verdade.

**NP:** O senhor disse que **Tendência** cumpriu o papel dela e, depois de 1962, já não havia mais motivo para o grupo funcionar coeso. Quem o senhor apontaria como sucessor, ou sucessores, do espírito de **Tendência**?

**RM:** Depois de **Tendência**, surgiu uma outra revista. Eu nem me lembro mais o nome da revista. Uma revista que era mais ou menos enquadrada dentro dos postulados de **Tendência**.

**NP:** O Affonso Romano fala de uma revista chamada **Veredas**...

**RM:** **Veredas**.

**NP:** **Ptx**?

**RM:** **Ptx**.

**NP:** E individualmente? Um intelectual, não que repetisse os postulados que se enquadrassem nos ideais de **Tendência**, nas décadas de 70 e 80...

**RM:** Não sei, não posso avaliar isso assim, não. O pessoal de **Tendência** continua a trabalhar e a produzir.

**NP:** Eu sei. O que eu digo é esse espírito de pesquisa, de busca de renovação. Eu estou pensando na tradição...

**RM:** Aí é que entra o problema da Revolução, que foi um problema sério, porque ela castrou a intelectualidade brasileira de uma maneira geral. O debate que se fazia no Brasil até ali era grande, político, cultural. Os jornais, os suplementos viviam cheios de discussão dessa gente. O debate era amplo, envolvente da sociedade brasileira. A Revolução acabou com isso. Ela intimidou os intelectuais. Ela expulsou os intelectuais do país. Aposentou professores importantes. Nós tivemos esse trauma. Foi uma coisa séria que teve reflexos. Tudo que veio depois, que está ainda indefinido, incaracterístico, às vezes mal realizado, é consequência desse movimento político. Eu acho que isso foi um mal terrível para o Brasil.

**NP:** Muito obrigada. O senhor gostaria de acrescentar alguma coisa?

**RM:** Não, é isso aí.